



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO UNIVERSITÁRIO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS**

EDINEIDE RIBEIRO DE BRITO

**EM FOCO CLASSE DE PALAVRAS: um estudo do uso adverbial em
provérbios bíblicos**

**CAMPINA GRANDE-PB
2013**

EDINEIDE RIBEIRO DE BRITO

**EM FOCO CLASSE DE PALAVRAS: um estudo do uso adverbial em
provérbios bíblicos**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, sob orientação da prof^a. Ms. Teresa Neuma de Farias Campina.

CAMPINA GRANDE-PB
2013

B862e

Brito, Edineide Ribeiro de.

Em foco classe de palavras [manuscrito]: um estudo do uso adverbial em provérbios bíblicos. / Edineide Ribeiro de Brito. –2013.

33 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Profª. Dra. Teresa Neuma de Farias Campina, Departamento de Letras”.

1. Língua Portuguesa 2. Gramática 3. Advérbio
I.. Título.

21. ed. CDD 469.5

EDINEIDE RIBEIRO DE BRITO

**EM FOCO CLASSE DE PALAVRAS: um estudo do uso adverbial em
provérbios bíblicos**

Aprovada em 05/09/2013

BANCA EXAMINADORA

Teresa Neuma F. Campina
Prof. Ms. Teresa Neuma de Farias Campina (UEPB)
(Orientadora)

Nota 90

Cléa Gurjão Carneiro
Prof. Ms. Cléa Gurjão Carneiro (UEPB)
(Examinador)

Nota 90

Marcelo Vieira da Nobrega
Prof. Ms. Marcelo Vieira da Nobrega (UEPB)
(Examinadora)

Nota 90

Média 90

Aos homens da minha vida...
À minha mãe, exemplo do que há de mais puro e verdadeiro na vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela dádiva da vida e por ser meu fiel companheiro em todos os momentos. Meu socorro sempre presente.

Aos meus pais (*in memoriam*) que sempre serão exemplos de amor, dignidade, persistência, fortaleza e respeito. E que nos ensinaram a lutar e conquistar nossos sonhos. Nos momentos mais difíceis me ajudaram, através das lembranças, que sempre estarão vivas no meu coração.

Ao meu esposo e filhos, que a cada dia me compreenderam e acreditaram que eu seria capaz de alcançar meus objetivos e sempre me ajudaram sem pedir nada em troca.

A minha família, (irmãos, irmãs, sobrinhos...), pela confiança e admiração que sempre demonstraram a cada passo que eu dava nesta etapa da minha vida.

A minha admirável professora, Teresa Neuma, por acreditar na minha capacidade e por ter aceitado ser minha orientadora. Como também pela paciência e valorosas contribuições na elaboração deste trabalho.

A todos os professores do curso de Letras, que participaram da minha vida acadêmica, contribuindo assim na conclusão de mais uma importante etapa da minha vida, a realização de um sonho.

Aos meus amigos pelo carinho, companheirismo, paciência, e convivência humana. Compartilhamos momentos inesquecíveis que muito nos enriqueceram e proporcionaram crescimento ímpar.

Águas profundas são as palavras da boca do homem,
e ribeiro transbordante é a fonte da sabedoria.
Pv. 18:4

RESUMO

O ensino de Língua Portuguesa, no âmbito escolar, visa desenvolver o domínio da língua nos diferentes contextos de uso a que o indivíduo tem acesso, fato que, na maioria das vezes, não acontece, pois o ensino ainda se centra na exposição de regras gramaticais, acarretando, desse modo, estranhamento quanto às múltiplas facetas de um vocábulo. Em face disso, esboçamos alguns problemas observados na abordagem da classe dos advérbios, na busca de esclarecer o seu uso e ampliar a visão sobre esta classe, por entendermos que o tratamento dado aos advérbios pela teoria gramatical tradicional não explica o real funcionamento desse elemento, nem tampouco atende às demandas do usuário da língua. Pensando assim, buscamos como objeto de estudo, os advérbios formados por meio do sufixo “- mente”, considerados os mais numerosos e legítimos representantes dessa classe, de acordo com Bomfim (1988), presentes em alguns provérbios bíblicos e classificados, segundo a gramática tradicional, como advérbios de modo, apesar de nem sempre apresentarem ligação com algum tipo de circunstância. Neste sentido, compreendemos que estes advérbios não têm por escopo tão somente a ação verbal, nem expressam apenas a ideia de modo. Sob esta ótica, objetivamos analisar o uso e a classificação aplicada aos advérbios, especialmente, com formação a partir do sufixo “- mente”, como também verificar o comportamento desses advérbios, considerando o que reza a teoria linguística. Todos os advérbios em análise estão presentes nos provérbios bíblicos, coletados no livro *Provérbios*, um dos livros da Bíblia, (ALMEIDA 1993). Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, cujo corpus é composto por vinte advérbios analisados a partir do texto dos provérbios bíblicos. O foco teórico que norteia o nosso estudo parte do viés da gramática tradicional com Bechara (2009), Cunha e Cintra (2007) e Rocha Lima (2000), com ênfase basilar na perspectiva da Linguística com Bomfim (1988), Silva (s/d), Moura Neves (2000), Basílio (2008), dentre outros. Entendemos que a língua enquanto processo dinâmico e social admite transformações quanto a sua formação e uso, no entanto, preserva sua essência, a comunicação. Também compreendemos que é possível uma prática pedagógica do ensino da língua, que contemple a classe dos advérbios nos moldes aqui analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática; Advérbio; Provérbios bíblicos.

ABSTRACT

The teaching of the Portuguese language in the school aims to develop mastery of the language in different contexts of use to which the individual has access, the fact that in most cases does not happen, because the teaching still focuses on exposure rules grammatical, causing thereby strangeness regarding the many facets of a word. Given this, we outline some problems observed in the approach of the class of adverbs, seeking to clarify their use and broader view of this class, because we believe that the treatment of adverbs by traditional grammatical theory does not explain the actual operation of this element, neither meets the demands of the language user. Thinking thus, we seek as the object of study, the adverbs formed by the suffix "-mente", considered the most numerous and legitimate representatives of this class, according to Bomfim (1988), present in some biblical sayings and classified according to the grammar traditional, such as adverbs of manner, though not always present connection with any type of circumstance. In this sense, we understand that these adverbs do not have a scope so only the verbal action, not only express the idea so. From this perspective, we aimed to assess the use and classification applied to adverbs, especially with training from the suffix "-mente", but also check the behavior of these adverbs, considering that prays linguistic theory. All adverbs analysis are present in biblical sayings, collected in the book Proverbs, one book of the Bible, (Almeida 1993). Therefore, we performed a literature search using a qualitative approach whose corpus consists of twenty adverbs analyzed from the text of the biblical sayings. The theoretical focus that guides our study is the bias of traditional grammar with Bechara (2009), Cunha and Cintra (2007) and Rocha Lima (2000), with emphasis on the fundamental perspective of Linguistics with Bomfim (1988), Silva (s/d) Moura Neves (2000), Basil (2008), among others. We understand that language as dynamic and social transformations admits as their training and use, however, preserves its essence, communication. We also understand that it is possible pedagogical practice in the teaching of language, covering the class of adverbs along the lines analyzed here.

KEYWORDS : Grammar ; Adverb : Proverbs Bible .

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	9
1. NA TRILHA DAS TEORIAS: UM CONHECIMENTO NECESSÁRIO.	11
1.1 O GÊNERO TEXTUAL EM EVIDÊNCIA: UMA HISTÓRIA, UM DIZER...	11
1.2 O ADVÉRBIO E SUAS FACETAS	13
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	22
3. ANÁLISE DO CORPUS: UMA ATIVIDADE DE COMPROVAÇÃO	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A tradição gramatical insiste em adotar conceitos universais para explicar a língua portuguesa. Entretanto, tais conceituações, na maioria das vezes, não são suficientes para explicar o fenômeno linguístico em uso, fato que repercute no ensino desta língua nas escolas.

Assim, dentre vários aspectos que envolvem o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, voltamos nosso olhar à relevância dada às chamadas classes de palavras definidas, segundo teorias tradicionais. Estas classes envolvem a divisão de grupos de palavras classificados de acordo com a natureza e funcionalidade, tendo por base critérios como: morfológicos, sintáticos e semânticos. Na Gramática Tradicional – GT-, observa-se a predominância deste último critério. No entanto, o que o torna tais classes de palavra, particularmente, distintas são os diversos sentidos advindos dos usos nas práticas languageiras, aspectos que não são contemplados, na perspectiva da GT.

Em relação à classificação das palavras, destaca-se a classe dos advérbios. No contexto da tradição gramatical, os advérbios, na sua formação, apresentam os terminados em “- mente”. De forma geral, estes advérbios mantêm uma relação de dependência com outras classes de palavras, ou seja, o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, perspectiva que vai de encontro às novas teorias linguísticas, dado os novos usos que se faz de tais advérbios.

Sob essa ótica, tomamos a classe dos advérbios, notadamente, aqueles que apresentam na sua formação o sufixo “- mente” empregados em provérbios bíblicos, como objeto de estudo. Diante disso, floresce uma inquietante indagação: as definições da teoria tradicional atribuídas aos advérbios formados pelo sufixo “- mente”, ou seja, advérbios de modo condizem com o real sentido que essa categoria desempenha em cada contexto de uso?

Partindo da problemática resultante das inquietações acerca dos advérbios, especificamente, os que apresentam na sua formação o sufixo “- mente”; este trabalho tem como objetivos: a) analisar o emprego dos advérbios formados pelo sufixo “- mente” encontrados nos provérbios bíblicos em consonância com o contexto de uso; b) apontar as diferentes classificações dadas a estes advérbios pela gramática tradicional e pela teoria linguística, almejando apresentar mais explicitamente o resultado de nossa análise de acordo com a teoria linguística; c) classificar o advérbio formado com o sufixo “- mente” presente em alguns provérbios bíblicos, considerando sua definição segundo a teoria linguística, em deônticos, delimitadores, epistêmicos e afetivos.

O interesse pela escolha do tema abordado neste trabalho se justifica pela necessidade de compreender as teorias que discutem as controvérsias existentes acerca dos advérbios, em particular, os que apresentam o sufixo “- mente” e, com isso, verificarmos o comportamento dessa classe nos provérbios bíblicos. A escolha pelo texto bíblico se deu a partir do conhecimento de que os textos que compõem o livro, a Bíblia, são de origem e classificação milenar. Assim, apresentam significativa relevância para o estudo da língua e, por extensão, a compreensão e interpretação do texto bíblico.

Para realizarmos nossa pesquisa, temos como aportes teóricos as gramáticas de Bechara (2004), Cunha e Cintra (2007), Rocha Lima (2000) e as teorias linguistas de Azeredo (2008), Bomfim (1988), Silva (s/d), Neves (2000) e Basílio (2006), entre outros.

1. NA TRILHA DAS TEORIAS: UM CONHECIMENTO NECESSÁRIO.

1.1 O GÊNERO TEXTUAL EM EVIDÊNCIA: UMA HISTÓRIA, UM DIZER...

Quando voltamos nossa atenção ao ensino de língua como prática social, não podemos nos desvincular do termo “Gênero textual”, entendido como variedade de textos que estão vinculados aos mais variados espaços sociais, em que se faz uso da língua com finalidades definidas. Assim, é nos gêneros textuais que podemos verificar a língua em funcionamento. Os gêneros não se restringem a uma determinada estrutura textual, uma vez que identificamos nos suportes textuais os mais variados formatos de gêneros, a exemplo, do poema, do conto, das charges, dos textos científicos, entre outros. Desta forma, entendemos que os gêneros podem ser considerados formas culturais e cognitivas da ação social.

Segundo Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros textuais apresenta séculos de historicidade que se renova a cada época. O autor aponta o início deste estudo com Platão no período da Idade Média. Inicialmente, a expressão “gênero” estava, segundo a tradição ocidental, relacionada a apenas gêneros literários. Para mostrar que este termo não está limitado apenas ao texto literário e para fundamentar esta afirmativa Marcuschi (2008, p.147) cita Swales (1990), ao dizer que, “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito com ou sem aspirações literárias”. Dando continuidade ao seu estudo Marcuschi (2008) nos apresenta a teoria de Aristóteles sobre gêneros e sobre a natureza do discurso, que apresentam elementos distintos. Consideramos relevante para nosso trabalho a colocação do autor ao identificar a partir da obra, a Retórica, de Aristóteles, que há três gêneros de discurso retórico, a saber: o discurso deliberativo, judiciário e o discurso demonstrativo, afirmando que

Do ponto de vista funcional, o discurso deliberativo servia para aconselhar/desaconselhar, e voltava-se para o futuro por ser exortativo por natureza; já o discurso judiciário tem a função de acusar ou defender e reflete-se sobre o passado, enquanto o discurso demonstrativo tem caráter epidítico, ou seja, de elogio ou censura, situando-se na ação presente. (MARCUSHI,2008, p.148).

Beber na fonte da origem dos gêneros textuais nos é válido, uma vez que o gênero em que se situa nosso objeto de estudo tem uma origem milenar, “os Provérbios de Salomão”, e quando observamos as colocações de Marcuschi (2008), em relação aos três gêneros de discurso apontados por Aristóteles, podemos identificar que os Provérbios de Salomão

poderiam ser classificados como o gênero do discurso deliberativo, por possuir características deste discurso. No tocante a estrutura dos gêneros Marcuschi (2008) alude que Aristóteles os distinguiu entre a epopeia, a tragédia, a comédia.

No entanto, observamos que atualmente os estudos voltados para os gêneros apresentam uma nova perspectiva, fazendo com que, mesmo apontando as teorias aqui mencionadas, Marcuschi (2008) apresente diferentes colocações teóricas no tocante ao conceito de gênero. Para tanto aponta teóricos como: Bhatia, Carolyn Miller, Bronckart, Amy J. Devitt, que levam o autor inferir: “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predomina os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos” (MARCUSCHI 2008, p.159).

Apresentando o livro como suporte do gênero em estudo, observamos a relevância de situar os “provérbios” neste suporte, uma vez que inserido nele também, se encontram outros gêneros textuais, a saber: cartas, poesia, parábolas, provérbios, entre outros.

De acordo com Almeida (1995), a Bíblia está subdividida em duas partes principais, o Velho e o Novo Testamento. O livro do Antigo Testamento hebraico era dividido em três partes: a Lei, os Profetas e os Escritos. O livro de Provérbios está inserido na parte denominada Escritos, pois representa, segundo o autor, a sabedoria inspirada dos sábios. O termo “Provérbio” tem sua origem (tradução) na palavra hebraica “mashal” e possui os sentidos de oráculo, parábola ou máxima sábia. Assim explica a formação longa das declarações no livro de Provérbios. Entretanto, também podemos identificar declarações concisas com grande valor de sentido. O livro de Provérbios não apresenta como autor apenas Salomão, o rei de Israel, em tempos passados, mas também apresenta outros autores, a exemplo de Agur, Lemuel e outros desconhecidos. De acordo com Almeida (1995) os provérbios tiveram sua origem, aproximadamente, entre 970-700 a.C, tendo como tema central a “Sabedoria para a Vida Correta” . Nos Provérbios Bíblicos, é possível identificar a diversidade do público a quem está direcionado e temáticas específicas a cada um deles, a exemplo, da família, dos jovens, dos pais em relação a seus filhos, a sexualidade, e muitos outros.

Cazelato (2009), em seu trabalho, faz referência ao termo provérbio como um gênero oral presente no cotidiano da sociedade, tendo como objetivo a transmissão, de forma sucinta, do conhecimento, conselho, admoestação, ensinamentos, experiências e uma forma de vida a ser seguida através de normas, saberes, bens e valores. Dando prosseguimento ao seu trabalho, a autora evidencia que a enunciação proverbial possui na sua formulação um efeito

perlocutório incontestável regido por regras de racionalidade e de coerência e, dessa forma, possui um forte valor argumentativo. Ao fazer referência a Roventa-Frumusani, (CAZELATO, 2009) diz que “O valor de argumentação dos provérbios parece residir no paralelismo sintático, nas figuras de similaridade (fônica e semântica), no contraste e no jogo de generalizar e particularizar”. Entendemos aqui que os provérbios apresentam uma consequência contínua, demorada, caracterizando, assim, sua credibilidade, ato este expresso pela autora ao utilizar o termo efeito perlocutório¹.

Os provérbios podem ser direcionados ao coletivo no sentido de que todos podem fazer uso. No entanto, também podem ser individualizados quando é direcionado a situações particulares, sempre considerando o contexto, em que está inserido, ou seja, um contexto de uso constituído e fixado em termos pragmático-discursivo.

1.2 O ADVÉRBIO E SUAS FACETAS

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais², a língua(gem) na escola deve ser objeto de reflexão, pois a sua principal razão é a produção de sentido. Desse modo,

a linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (BRASIL, 1999, p. 125)

Assim, o estudo apenas do aspecto formal da palavra não contribui satisfatoriamente para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, visto que se faz necessário relacionar todo e quaisquer aspecto linguístico ao uso, as práticas languageiras do cotidiano. O domínio das regras gramaticais não resulta no sucesso da comunicação. E podemos ratificar isso quando percebemos que, embora o estudo gramatical apareça no currículo da disciplina de língua portuguesa desde as séries iniciais e continue sendo ministrado até as séries finais, os alunos concluem seu período escolar sem o domínio de tais normas. Aplicar na prática a teoria

¹ Na teoria dos actos de fala considera-se efeito perlocutório tudo que é alcançado ou produzido por meio do acto de dizer algo: convencer, persuadir, surpreender, etc.

² Os Parâmetros Curriculares Nacionais são referenciais de qualidade elaboradas pelo Governo Federal. Essas diretrizes são voltadas, sobretudo, para a estruturação e reestruturação dos currículos escolares de todo o Brasil. O objetivo principal dos PCN é estabelecer pilares fundamentais para guiar a educação formal e a própria relação escola-sociedade no cotidiano. Pretende-se, com isso, padronizar o ensino no país.

ensinada durante anos é tarefa árdua para muitos, o que deveria ser natural. Isso, provavelmente acontece porque o ensino da língua não está vinculado à sua finalidade, que está relacionada à produção de sentido; o ensino ainda se apresenta isolado do seu contexto sociocomunicativo. Diante das assertivas, salientamos que uma mesma classe gramatical pode adquirir significados distintos em diferentes contextos de uso.

Assim, entendemos que a língua(gem) é um processo dinâmico, cujo desenvolvimento se dá nas mais diversas situações comunicativas que se encontram inseridas em contextos específicos. É sabido que o ensino de língua portuguesa precisa vislumbrar isso, mas, infelizmente a prática escolar continua, ainda, adotando uma perspectiva reducionista dos estudos linguísticos. Afirmativa esta constatada quando apresentamos o seguinte conceito: “Advérbio é a palavra que modifica um verbo, um outro advérbio, um adjetivo e, às vezes, um substantivo, expressando a circunstância em que determinado fato ocorre”. (SARMENTO E TUFANO³, 2004, p. 252), conceituação que não foge às apresentadas pelas Gramáticas Tradicionais.

Desta forma, atentaremos para a colocação que, majoritariamente é projetada a esta classe, definindo-a como um vocábulo que expressa a ideia de modo. “Os advérbios de modo constituem uma classe aberta da língua, uma vez que, em princípio, os adjetivos qualificadores em geral podem se converter em advérbio de modo pelo acréscimo do sufixo “mente” à forma feminina”. (NEVES, 2000, p.243)

De posse de tais entendimentos, torna-se pertinente verificarmos em alguns provérbios bíblicos o comportamento do advérbio de modo, assim considerados tradicionalmente, formado com o sufixo “- mente”, e mostrar que o conceito dado a ele, de acordo com a gramática tradicional, nem sempre corresponde com a sua real função, pois a depender do uso, o seu sentido pode ser alterado.

Assim, ao nos debruçarmos sobre o estudo dos advérbios, sobretudo os que apresentam o sufixo “- mente”, observamos a existência de algumas situações contraditórias que fazem referências quanto à função e classificação desta classe de palavras, especialmente, ao observamos os estudos das teorias tradicionais e linguísticas.

Desta forma, ao apresentar o estudo voltado à classe dos advérbios, Rocha Lima (2000, p.174, grifo do autor) atribui ao advérbio o seguinte conceito: “São palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias *circunstâncias* que cercam a

³ SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. Português: literatura, gramática, produção de texto. São Paulo: Moderna, 2004.

significação verbal”. Ainda, segundo o autor, alguns advérbios juntam-se a adjetivos ou a outros advérbios para expressar o grau; a estes deu-lhes a classificação de advérbios de intensidade. Ao fazer a classificação dos advérbios, ele aponta as seguintes classes: de dúvida, de intensidade, de lugar, de tempo e de modo. No que se refere ao advérbio de modo, o autor faz uma ressalva, mostrando que o advérbio, formado a partir de um adjetivo, pode aparecer com ou sem o sufixo “- mente”, afirmativa esta que podemos constatar, posteriormente, nos estudos apresentados por Cunha e Cintra (2007).

No estudo aqui apresentado, verificamos uma observação feita por Rocha Lima (2000), que nos leva a entender que ele só considera advérbio, os vocábulos que prioritariamente, apresentem as características explicitadas no conceito acima citado. Neste sentido o ele não considera como advérbios,

Palavras e locuções que indicam afirmação (sim, certamente, com efeito), negação (não, qual nada), exclusão (só, apenas, exclusive), inclusão (também, mesmo), avaliação (quase, mais ou menos) designação (eis), explicação (como, a saber), retificação (aliás, ou melhor), etc., não exprimem nenhuma circunstância, razão pela qual não se podem , a rigor, considerar advérbios. Algumas destas palavras e locuções antes modificam a frase em sua totalidade do que ao verbo em particular, manifestando-se, por meio delas uma apreciação da pessoa que fala. (ROCHA LIMA, 2000, p.177)

A par do que afirma Rocha Lima (2000) é preferível chamar tais vocábulos de palavras denotativas.

Bechara (2009), por sua vez, destaca: “Advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial.” (p.287). Quanto a sua formação, os advérbios são constituídos por palavras de natureza nominal ou pronominal e, ainda estão geralmente, relacionados ao verbo, ou a todo um enunciado, ou ainda a um adjetivo e a um advérbio, como um intensificador, sendo que estes últimos estão dentro de um grupo nominal unitário.

Bechara (2009) acrescenta também ao advérbio a função de modificador de substantivo, quando a sua formação ocorre a partir do nome (substantivo) em que ele não mais apresenta a função de demonstrar substância, mas sim a função de modificador do substantivo.

Quando apresenta o processo, em que o advérbio faz referência a todo um enunciado, o autor diz que isto ocorre pela a ação da antitaxe, que diz respeito a retomada ou substituição

de uma unidade de um plano gramatical por outra unidade, aqui, a saber o advérbio. Segundo o autor este processo é mais evidente na gramática tradicional com a classe dos pronomes, no entanto, podem ocorrer com alguns advérbios. Quando estes retomam como respostas, enunciados textuais ou como unidades de valor circunstancial relacionado a expressões presentes nos discursos, ou seja, os advérbios desta natureza podem fazer uma retomada ou substituir toda uma frase ou enunciado, mantendo o sentido das relações expressas no discurso anteriormente estabelecido. Diz o autor: “Assim não são advérbios, mas substitutos de oração (pro-oração ou pro-textos). (BECHARA, 2009, p. 292)

Ainda no que refere a este processo, o autor considera os advérbios com sufixo “- mente” como representantes do processo de hipertaxe ou superordenação, isto é, quando o advérbio sozinho assume a função de um discurso, deixando a funcionalidade de palavra e assumindo o nível de oração ou texto e, desta forma nos afirma: “Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.” (BECHARA 2009. p.293)

Cunha e Cintra (2007) destacam que a principal função da classe dos advérbios é ser um modificador do verbo. Ainda acrescentam que certos advérbios desempenham funções privativas, cuja relação se dá com o adjetivo e com o advérbio, aqui como intensificador. Deste ponto de vista, podemos ainda considerar uma colocação dos autores quando apontam o uso dos advérbios com terminação em “- mente”, vejamos.

Quando numa frase dois ou mais advérbios terminados em “mente” modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo apenas ao último deles; se, no entanto, a intenção é realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se omitir a conjunção “e” e acrescentar o sufixo a cada um dos advérbios. (CUNHA E CINTRA, 2007, p.561).

Cunha e Cintra (2007), ainda, reconhecem que alguns advérbios podem aparecer modificando toda uma oração. Ressaltam que estes são geralmente empregados no início ou final do enunciado sendo separado dos outros termos por uma pausa, exemplo de uma vírgula. Curiosamente, observamos que os autores ilustram essa afirmação fazendo uso de exemplos que na sua totalidade apresentam os advérbios formados com sufixo “- mente”, objeto de análise deste trabalho, levando-nos, assim, ao entendimento da afirmação, de que os advérbios classificados como advérbios de modo apresentados pela Gramática Tradicional, que possuem na sua formação o sufixo “- mente,” desempenham a função de modificador. Podemos ainda constatar que ao apresentar a classificação dos advérbios os autores afirmam que esta classe

recebe a definição a partir das circunstâncias ou de outra ideia acessória que expressam, classificando-os, assim, como advérbios de tempo, lugar, dúvida, modo, intensidade, entre outros.

Ao considerar a circunstância desempenhada por alguns advérbios, a saber, os advérbios classificados como de causa, lugar, tempo e modo, estes são chamados interrogativos. Aqui, observamos que, segundo Cunha e Cintra (2007) os advérbios classificados como de modo são assim definidos em diferentes aspectos: quando se considera o valor semântico do vocábulo, este é classificado como advérbio de modo. No entanto quando se analisa do ponto de vista funcional este é definido como advérbio interrogativo.

Fazendo um paralelo entre os gramáticos Rocha Lima (2000), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2007) podemos constatar que eles apresentam o mesmo posicionamento quanto ao elemento de referência dos advérbios, ou seja, ao verbo, e sua classificação. No entanto, é imperioso comentarmos que Rocha Lima (2000) não admite, explicitamente, que os advérbios possam atuar modificando todo um enunciado, uma vez que ele, em seus estudos, só faz referência a tal fenômeno quando se volta aos vocábulos que não são considerados advérbios, propriamente dito por não apontarem nenhum valor de circunstância.

Dentro da perspectiva linguística verificamos que os advérbios adquirem uma amplitude, tanto no que se refere a sua classificação, como também na função e formação.

Segundo Basílio (2006, p.62), no tocante à formação dos advérbios em “- mente”, através do processo de derivação nos afirma que: “de acordo com as gramáticas escolares, a formação de advérbios, se efetua pela adição do sufixo “- mente” a adjetivos. Construções sufixais em “-mente”, entretanto, apresentam características problemáticas de cunho fonológico, morfológico, e sintático”.

Em Basílio (2006) vemos que a formação dos advérbios em “- mente” ocorre com vocábulos que na sua maioria são classificados como adjetivo. Neste aspecto, as propriedades do adjetivo são transferidas ao advérbio, seja no aspecto sintático, seja no semântico.

A colocação de Basílio (2006), nos leva ao entendimento de que se o adjetivo não faz referência apenas ao substantivo a que se relaciona. Por sua vez, o advérbio não está limitado ao referir-se apenas ao verbo, adjetivo ou outro advérbio, como reza a gramática tradicional. Desta forma, a autora elucida sobre a concorrência de motivação gramatical e motivação semântica para esse processo de formação. A primeira motivação seria a de amoldar a palavra de uma classe (adjetivos) para outra (advérbios). E a segunda, evidenciar que o advérbio absorve a porção denotativa própria do adjetivo.

Segundo Bomfim (1988), os advérbios terminados em “- mente” são os mais numerosos e legítimos representantes dos advérbios de modo”. No entanto, afirma que nem toda palavra com esse sufixo expressa a ideia de modo e nem sempre está relacionada a algum tipo de circunstância, característica estas encontradas na gramática tradicional. A autora apresenta uma classificação desses advérbios numa perspectiva semântica. Desse modo, eles podem ser: modificadores, intensificadores e advérbios de dúvida. Ela ainda mostra que o sentido dos adjetivos, que formam alguns desses advérbios, sofrem alterações, diferenciando sua caracterização: uma subjetiva e desnecessária, em que se observa a interferência do emissor sobre a mensagem. Neste processo, os traços semânticos dos adjetivos, os quais formam esses advérbios, enfraquecem a ponto de incidirem uma intensificação positiva e/ou negativa ou expressarem uma crítica do emissor. Assim, compreendemos que para expressar sua posição em relação ao discurso o emissor pode ao mencionar um advérbio com formação a partir de um adjetivo atenuar o sentido do termo (adjetivo) ao transformá-lo em advérbio, para dá ênfase ao seu discurso. A outra caracterização, objetiva e indispensável, em que se verifica a preservação do sentido dos elementos que lhes serviram de base, ou seja, a semântica do adjetivo permanece tendo como função intensificar o termo ou frases e enunciados a que se refere.

Após estudos sobre a definição dada ao advérbio, Silva (s/d) o conceitua da seguinte forma:

Deixando-se à parte o plano semântico, podemos delimitar, a partir de um critério morfológico, que o advérbio é palavra invariável e, por um critério sintático, de acordo com os estudos tradicionais, que é palavra periférica em um sintagma cujo núcleo é, principalmente, um verbo, mas também pode ser um adjetivo ou outro advérbio, podendo ainda aparecer ligado a uma oração inteira. (s/d, s/p)

Quando faz referência aos advérbios de modo, a autora afirma que a maioria dos elementos que fazem parte desse grupo é constituída por vocábulos que, na sua formação, apresentam o sufixo “- mente”. Declara, entretanto, que nem todas as formações com esse sufixo são advérbios que expressam ideia de modo, aos moldes da Gramática Tradicional. Desta forma, apresenta também advérbios com característica desta natureza. Entretanto, os classifica como: advérbios de dúvida, de intensidade, de tempo, de ordem e de afirmação.

Azeredo (1996) elucida dois tipos de advérbios com a terminação em “- mente”, classificando-os como circunstancializadores, aqueles que estão relacionados à oração, ao advérbio ou aos sintagmas: verbal, adjetival, preposicional. E modalizadores que estão

relacionados, prioritariamente, ao sintagma verbal e são, especificamente, definidos como advérbios de modo.

Em trabalho apresentado, posteriormente, Azeredo (2008) apresenta a classe de advérbio, como sendo a mais heterogênea das classes de palavras, por possuir características típicas, como a invariabilidade formal, a função modificadora e a mobilidade posicional em relação ao termo que é por ele modificado. O autor ainda aponta várias subclasses semânticas e sintáticas dos advérbios.

Quanto ao uso do sufixo “- mente” nos advérbios, Azeredo (2008) diz que estes vêm junto a um adjetivo, absorvendo suas peculiaridades e variações. Veja o que ele aduz:

A noção “de modo” foi eleita pela tradição escolar como característica semântica típica dos advérbios em “mente”. Sabemos, porém, que os valores semânticos desses advérbios são variáveis de acordo com o funcionamento dos adjetivos de que derivam. (AZEREDO 2008, p. 195)

Para ilustrar o seu raciocínio, o autor expõe algumas possibilidades de variação dos advérbios, como: tempo/frequência, ponto de vista/opinião, delimitação/enquadramento, extensão/intensidade e focalização.

Percebemos que Azeredo (2008) admite que a classe dos advérbios não se encontra encerrada em um conceito tradicional de advérbio e afirma que o seu sentido é flexível. Assim, é perceptível a crítica que ele faz à noção de advérbios de modo apresentada na perspectiva da Gramática Tradicional.

Neves (2000) conceitua o advérbio a partir de diferentes aspectos. A saber, o aspecto morfológico, em que o advérbio é uma palavra invariável. Entretanto admite a possibilidades de exceções, quando afirma que, “Encontram-se, entretanto, casos restritos de advérbio flexionados em gênero e número. Esses usos, que se referem a quantificadores, pertencem a um registro mais distenso e são considerados erros pela gramática normativa”(NEVES, 2000, p.233). O segundo aspecto a ser considerado é o sintático, em que reconhece o advérbio como palavra periférica, por atuar nas mais diversas camadas do enunciado, seja um verbo, um numeral, um substantivo, entre outros.

Quando a autora apresenta os advérbios formados pelo sufixo “- mente” os identifica como advérbio de modo haja vista que “os advérbios de modo constituem uma classe aberta na língua, uma vez que, em princípio, os adjetivos qualificadores em geral podem converter-

se em advérbios de modo pelo acréscimo do sufixo – MENTE a forma feminina”. (NEVES, 2000, p. 243).

Ao apresentar as subclasses dos advérbios Neves (2000), ainda considerando o aspecto funcional aduz que esta é uma classe heterogênea que apresenta a seguinte subdivisão: modificadores e não modificadores. Os advérbios classificados como não modificadores são todos aqueles que não interferem no significado do elemento linguístico com o qual ele está relacionado e possuem classificações próprias, apresentando subclasses, a exemplo, dos advérbios classificados como afirmativos e negativos, dentre outros, que instigam estudos mais específicos. Já os advérbios modificadores estão inter-relacionados com o elemento linguístico a que se referem, de forma a incidirem na sua semântica. É relevante observarmos a seguinte colocação da autora, quando mostra esta subclasse, enfatizando que “São advérbios que afetam o significado do elemento sobre o qual incidem, fazendo uma predicação sobre as propriedades desses elementos, isto é, modificando-os. Essa é a noção que está por trás da definição tradicional de advérbio como modificador.”(NEVES, 2000, p.236)

Desta forma, os advérbios modificadores, semanticamente, se apresentam subdivididos em advérbios de modo ou qualificadores, tendo a função de qualificar, atuando sobre um verbo ou adjetivo. Sendo qualificadores, desempenham a função correspondente aos adjetivos em relação ao substantivo. Assim os adjetivos qualificadores podem se converter em advérbio de modo pelo acréscimo do sufixo “- mente” à forma feminina. Contudo, esta gramaticalização pode ocorrer sem necessariamente o sufixo ser inserido. Nesta subclasse estão incluídos os advérbios de intensidade, que incidem sobre um adjetivo, um verbo ou outro advérbio. E, ainda nesta divisão temos os advérbios modalizadores, que atuam sobre todo o conteúdo de uma asserção, assim se apresenta subdividido a partir de uma unidade de valor que se deseja atribuir a todo o enunciado.

Constatamos, então, que na subclasse dos advérbios modificadores, não há apenas os advérbios de modo (qualificadores), mas também os de intensidade e os modalizadores. Apesar de a tradição afirmar, equivocadamente, que somente os advérbios de modo são formados pelo sufixo ora citado, podemos constatar que Neves (2000) mostra que os advérbios modalizadores também fazem parte desse grupo, pois a função dessa subclasse é modalizar o conteúdo de uma asserção e expressar a participação do falante na definição do valor de seu enunciado.

Desta forma, os modalizadores foram subdivididos a partir de uma atribuição de valor. Assim, eles podem ser *epistêmicos*, quando expressam uma avaliação partindo do conhecimento do falante e, desta forma, dá ênfase ao valor da verdade do que é dito no enunciado. Ainda no viés dessa subdivisão, temos os *delimitadores*, que expressam condição de verdade do enunciado, delimitando o âmbito das afirmações e/ou negações. Os *deônticos* expressam uma obrigação através do enunciado apresentado pelo falante, fato que deve ocorrer necessariamente. Finalizando esta subdivisão, Neves (2000) nos apresenta os advérbios modificadores *afetivos*, em que o falante expressa reações emotivas. Os modalizadores afetivos podem ainda ser subclassificados como modalizadores afetivos subjetivos e/ou afetivos interpessoais (intersubjetivos).

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para realizarmos tal labor, fizemos uso a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativa, por considerarmos a língua um processo dinâmico, inserido nos mais diversos contextos sociais, instigando uma constante reflexão e análise de seu uso na prática social. Entendemos que a abordagem de uma pesquisa de aspecto qualitativo não se resume apenas acumular e/ou quantificar dados, antes é, sobretudo analisar causas e efeitos contextualizando-os no espaço em que estão introduzidos. Assim, buscamos através deste trabalho de pesquisa compreender os advérbios que apresentam na sua formação o sufixo “- mente”, considerando as exposições teóricas, que divergem entre si, apontando que os advérbios já especificados não se referem tão somente à ação verbal, bem como não expressam apenas a ideia de modo.

O *corpus* de análise deste trabalho consta de vinte provérbios retirados da Bíblia Sagrada⁴ (1993), do livro “Provérbios de Salomão”, nos quais podemos identificar vinte advérbios. Durante todo o processo de pesquisa temos como objetivos analisar o uso dos advérbios em “- mente” com relação ao contexto em que estão inseridos. Todos os provérbios em análise foram retirados do Livro de Provérbios de Salomão, parte integrante da “Bíblia”, livro de caráter religioso.

A Bíblia é um livro constituído por um conjunto de livros considerados sagrados, tanto por cristãos e, parcialmente, pelos judeus. Neste livro podemos identificar diferentes gêneros textuais, a saber, poesia, epístolas, parábolas, cartas, provérbios e outros, além de apresentar determinadas composições e divisões de acordo com cada concepção religiosa. A Bíblia Católica é composta de 72 livros, divididos em duas partes, Velho e Novo Testamento; a Bíblia Protestante apresenta 66 livros, no entanto apresenta a mesma subdivisão. Em contraposição, temos a Bíblia Hebraica (o Tanach) que é composta por 37 livros distribuídos em três partes distintas: Torá, Profetas e Escritos. Entretanto, todos estes livros estão contidos no Antigo Testamento, classificação apresentada nas bíblias anteriormente citadas.

Diante das mais diversas edições deste livro, a escolha pela versão da Bíblia traduzida por Almeida (1993) se deu a partir do conhecimento de que esta é uma das versões

⁴ BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Cor. e rev. Versão de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1993.

que preservaram as características formais da linguagem erudita, permanecendo os aspectos formais do texto, a saber: o vocabulário, a estrutura e os aspectos estilísticos na sua tradução. Desta forma, o tradutor do texto bíblico da edição em estudo procura manter a ordem dos termos nas frases e também sua categoria gramatical, como se encontram nos textos originais em hebraico e grego da Bíblia.

3. ANALISE DO CORPUS: UMA ATIVIDADE DE COMPROVAÇÃO

À luz do enfoque de Neves (2000) procedemos à análise dos provérbios bíblicos proposta para nosso estudo.

Ao selecionar os advérbios, com terminação em “- mente”, como recurso linguístico para atender objetivos específicos das situações comunicativas, o falante tem a opção de situá-los em diferentes posições do enunciado, pela mobilidade que este tipo de advérbio apresenta, característica já mencionada neste trabalho, como também nas mais variadas formações. Neste sentido, apontaremos subsídios que demonstrem a teoria defendida por Neves (2000), ao afirmar que os advérbios não se limitam apenas aos conceitos e classificações aqui demonstrados pelos estudos da teoria tradicional, a exemplo, do elemento a que o advérbio está relacionado, como também a classificação simplista dada aos advérbios de modo, especialmente os com formação em “- mente”. Somada a esta afirmativa, a autora aponta peculiaridades no aspecto semântico que não se limitam apenas ao valor de circunstância, mas também, no que diz respeito ao discurso que indica a atitude do sujeito em relação ao conteúdo de seu enunciado, expresso pelo advérbio.

Explicitemos a análise dos advérbios presentes nos provérbios bíblicos, partindo da subclassificação dada por Neves (2000) aos chamados advérbios modalizadores, em que é considerada a semântica da palavra. Nesta subclassificação temos os advérbios epistêmicos, delimitadores, deônticos e os afetivos.

Os advérbios em “-mente” analisados a seguir poderão ser considerados como estratégia para marcar a atitude do falante em relação ao que ele próprio diz. Nos advérbios classificados como epistêmicos o falante busca validar seu enunciados, através da veracidade por ele imposta, tendo como base o seu conhecimento. Com o uso destes advérbios o indivíduo reforça o conteúdo que é exposto, excluindo qualquer possibilidade de um julgamento duvidoso. Desta forma, os advérbios epistêmicos expressam uma alta adesão do falante em relação ao que ele anuncia. Estes advérbios podem ainda ser subdivididos em asseverativos afirmativos, negativos ou relativos, classificação que propõe estudos mais específicos. Seguimos com os exemplos a serem analisados.

Ex 01:

Por ventura, fitarás os olhos naquilo que não é nada? Pois, **certamente**, a riqueza fará para si asas, como a águia que voa pelos céus.

Ex. 02:

Por causa da transgressão da terra, mudam-se **frequentemente** os príncipes, mas por um, sábio e prudente, se faz estável a sua ordem.

Pv. 28:2

Ex 03:

Os bens que **facilmente** se ganham, esses diminuem, mas o que ajunta à força do trabalho terá aumento.

Pv.13:11

Ex 04:

A astúcia é alegria para o que carece de entendimento, mas o homem sábio anda **retamente**.

Pv.15:21

Ex 05:

No seu coração há perversidade; todo tempo maquina o mal; anda semeando contendas. Pelo que sua destruição virá **repentinamente; subitamente**, será quebrantado, sem que haja cura.

Pv. 6:14-15

Ex. 06:

Não maquines o mal contra o teu próximo, pois habita junto de ti **confiadamente**.

Pv. 3:29

Ex 07:

A maldição do Senhor habita na casa do perverso, porém a morada dos justos ele abençoa. **Certamente**, ele escarnece dos escarnecedores, mas dá graça aos humildes.

Pv. 3:33-34

Ex 08:

Grandemente se regozijará o pai do justo, a quem gerar a um sábio nele se alegrará.

Pv. 23:24

Ao analisarmos os exemplos acima podemos observar que os advérbios presentes nos provérbios apresentam o valor que expressa uma avaliação partindo do conhecimento do falante, podendo assim ser classificado, como epistêmico.

Dando prosseguimento a nossa análise percebemos que nos exemplos:

Ex 09:

O perverso aceita suborno **secretamente**, para perverter as veredas da justiça.

Pv.17:23

Ex. 10:

O desejo dos justos tende **somente** para o bem, mas a expectativa dos perversos redonda em ira.

Pv. 11:23

Ex 11:

Se procedeste **insensatamente** em te exaltares ou se maquinaste o mal, põe a mão na boca.

Pv.30:32

Nos provérbios bíblicos dos exemplos de 09 à 11, os advérbios em destaque expressam o sentido de delimitação. Os advérbios delimitadores não por finalidade garantir o valor de verdade do que é dito. Entretanto, determinam condições de verdade. A delimitação pode ser expressa a partir de duas perspectivas: a perspectiva do falante, em que o advérbio é parte constituinte do enunciado, com o objetivo de delimitar sua veracidade e, a perspectiva do domínio do conhecimento, que ocorre quando o advérbio não é, necessariamente, parte do enunciado, mas tem por finalidade validar o que é dito pelo falante, partindo do seu conhecimento, assim, pode estar relacionado a um de seus constituintes.

Nos advérbios classificados como modalizadores deônticos “o enunciado é apresentado pelo falante como algo que deve ocorrer, necessariamente, dada uma obrigação que alguém tem”. (NEVES 2000, p.252). Diante desta afirmativa, podemos constatar a ideia de imperatividade e obrigação, em que o falante usa o modalizador para influir o ouvinte/receptor, sobre uma mudança de atitude ao aceitar o valor de verdade do enunciado. Seguem os exemplos:

Ex 12:

Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe; atos **perpetuamente** ao teu coração, penduras ao pescoço.

Pv. 6:20-21

Ex 13:

Ouve, filho meu, e sê sábio; guia **retamente** no caminho o teu coração.

Pv. 23:19

Observamos nos exemplos acima, que mesmo sendo uma característica do gênero provérbio a semântica de aconselhar, podemos identificar nos enunciados a marca linguística do falante ao demonstrar o controle em relação ao valor de obrigação, atribuição esta dos advérbios considerados deônticos. Assim, observamos que dentro de um determinado contexto os advérbios deônticos apresentam uma relação, em que de um lado está falante e do outro o leitor/receptor na condição de aceitar o valor de verdade do enunciado para executá-lo.

Para concluirmos, nossa análise dos advérbios, segundo a subclassificação dada por Neves (2000), a seguir apontaremos exemplos de advérbios que comprovem a definição dos advérbios modalizadores afetivos. Vejamos:

Ex 14:

Aquele que aborrece dissimula com os lábios, mas no íntimo encobre o engano; quando te falar **suavemente**, não te fies nele, porque sete abominações há no seu coração.

Pv. 26:24-25

Ex 15:

Muitas mulheres procedem **virtuosamente**, mas tu a todas sobrepujas.

Pv.31:28

Ex. 16:

Atentai para a minha repreensão: eis que derramarei **copiosamente** para vós outros o meu espírito e vos farei saber as minhas palavras.

Pv. 1:23

Ex. 17:

Palavras de Agur, filho de Jaque, de Massá. Disse o homem: Fatiguei-me ó Deus: fatiguei-me, ó Deus, e estou exausto porque sou **demasiadamente** estúpido para ser

homem; não tenho inteligência de homem não aprendi a sabedoria, nem tenho o conhecimento do santo.

Pv.30:1-3

Ex 18:

O servo prudente goza do favor do rei,mas o que procede **indignamente** é objeto do seu furor.

Pv.14:35

Ex. 19:

A mulher virtuosa é a coroa do marido, mas a que procede **vergonhosamente** é como podridão nos seus ossos.

Pv. 12:4

Ex. 20:

Os lábios dos mentirosos são abomináveis ao Senhor, mas os que agem **fielmente** são o seu prazer.

Pv. 12:22

De posse do conhecimento de que os advérbios modalizadores afetivos demonstram reações relacionadas ao aspecto emocional do falante, podemos identificar nos advérbios em destaque, presentes nos exemplos acima, que manifestações desta natureza podem apresentar-se de forma subjetiva, quando envolve as emoções ou sentimentos do falante, como também podem aparecer de forma intersubjetiva, em que se observa uma relação de sentimentos caracterizados pelas relações entre falante e ouvinte.

Desta forma, ao concluirmos a análise dos advérbios em “-mente” pudemos constatar que há predominância dos advérbios modalizadores epistêmicos, seguido dos modalizadores afetivos. Assim, podemos observar uma estreita relação desses advérbios com o gênero provérbios bíblicos, que tem como características fundamentais apresentar declarações com grande valor de sentido e argumentação, além da transmissão do conhecimento, ensinamentos, entre outros. Os advérbios predominantes concorrem com esse gênero, por expressarem um valor de verdade, possivelmente, incontestável, como também outros valores, explicitamente ligados aos sujeitos do discurso⁵.

⁵ Discurso aqui está sendo considerado com base no senso comum, como palavra corrente no cotidiano da língua portuguesa.

O usuário de língua usa os advérbios modalizadores epistêmicos como estratégias para garantir a credibilidade do que é dito, partindo de um saber próprio, assim se observar a relação entre falante e enunciado. A mesma relação é perceptível quando o falante faz uso dos advérbios modalizadores afetivos, em que se evidencia de forma explícita o envolvimento do falante com o enunciado. Partindo do entendimento de que o tema central dos provérbios bíblicos é a sabedoria para uma vida correta, podemos observar a integralidade entre os advérbios modalizadores epistêmicos e afetivos com os provérbios bíblicos por se apresentarem interrelacionados com o falante.

Considerando a teoria tradicional apresentada neste trabalho e abordando a perspectiva linguística para análise do *corpus*, aqui apresentado podemos constatar que a gramática tradicional, mesmo apresentando o aspecto semântico da palavra, especificamente, dos advérbios, quando os classificam a partir das circunstâncias que expressam, não contempla, satisfatoriamente, o sentido desta classe de palavras, por não validar a intenção do falante ao proferir determinado discurso. Antes a encerra em uma definição simplista, em que a língua não apresenta enquanto prática social sua relevância.

Pela abordagem adotada em nossa análise, podemos entender que a língua, enquanto processo dinâmico e social, se renova a cada momento, assim revelando as intenções do falante dentro de um determinado contexto, atendendo aos objetivos específicos de cada situação comunicativa. Desta forma, entendemos que os advérbios, em particular, com formação em “- mente,” não devem ser considerados unidades em si, isolados do contexto enunciativo ou apenas como constituinte de um sintagma; estes podem e fazem parte como constituinte da atividade discursiva, contribuindo para a construção da argumentação e do sentido do discurso nas mais diversas situações de enunciação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da classe dos advérbios em muito tem a ser explorado. Assim, não queremos apontar o que seria certo ou errado, pois na língua não existem fórmulas completamente corretas ou erradas. O que existe são regras a serem respeitadas e usos a serem aceitos.

Analisar a língua entendendo-a como processo dinâmico, que se encontra inserido em uma estrutura fixa determinada por conceitos e regras foi um desafio que julgamos não termos ultrapassado por completo.

O intento desse trabalho foi enfatizar pontos já observados pelos linguistas Bomfim (1988), Silva (s/d) e Basílio (2006), Neves (2000) que apresentam de forma clara, em seus estudos, a contraposição com a teoria gramatical de Bechara (2004), Cunha e Cintra (2007) e Rocha Lima (2000), dentre outros teóricos, acerca dos advérbios, especificamente aqueles que têm em sua formação o sufixo “- mente”. Determinados estudiosos da língua mostram-nos a problemática existente em torno do uso dessa categoria gramatical, uma vez que nem todas as palavras com esta terminação expressam a ideia de modo ou fazem referência ao verbo, mas podem apresentar diferentes e distintas funções dentro de um enunciado, a depender de cada contexto.

Diante disso, consideramos preponderante observar esta problemática nos provérbios bíblicos, já que neste gênero verificamos a constante presença desta categoria. E, embora sejam textos clássicos, é possível detectarmos as diferentes funções que estes advérbios desempenham nesses textos, em que se constatam enunciados diretamente relacionados com o contexto de uso.

Até o momento da pausa da nossa pesquisa, podemos verificar, com o já exposto, que não existem divergências gritantes entre as diferentes teorias gramaticais, mas ao confrontarmos gramáticos e linguistas, torna-se perceptível o estranhamento entre as vertentes, sobretudo no que concerne à abordagem destinada aos advérbios. Para a linguística, os advérbios em estudo apresentam classificações próprias e funções distintas, desta forma, ocupam seu espaço na língua. Já a gramática tradicional aponta uma dependência desta classe em relação a outras classes de palavras, com destaque para verbal.

Para tanto, constatamos que, mesmo com algumas ressalvas, a definição dada aos advérbios que apresentam na sua formação o sufixo “- mente”, considerada, segundo a teoria tradicional, como advérbios de modo, estão passando por um processo de modificação, quanto

à sua classificação, principalmente quando os estudos passam a considerar o seu aspecto semântico, especialmente, no contexto de uso. Acreditamos, portanto, que este seja o início de uma renovação no estudo da Língua Portuguesa e, conseqüentemente, no ensino da língua.

Ao concluirmos essa pesquisa, cremos que a contribuição mais significativa oferecida por este estudo foi constatar que apesar de a gramática tradicional continuar sendo a mola propulsora para o ensino de português, acarretando assim, a falsa impressão de que a língua é estática, o fenômeno linguístico consegue renovar-se e, com isso, reafirmar toda a sua dinamicidade. Ratificamos que saber gramática envolve a competência para interligar e articular fenômenos, seguir regras e ordenar estruturas que favorecem a compreensão e a produção de significados, pois o conhecimento gramatical não deve emergir do mero exercício analítico de palavras ou frases isoladas ou nas solicitações de codificação ou decodificação gramatical, mas também deve está interligados a todo ato linguístico, que considera o uso da língua como um processo dinâmico e permanente.

Após as colocações aqui feitas no que diz respeito aos advérbios em “mente”, ensejamos uma ação diferenciada no que tange ao ensino de Língua Portuguesa, pois desejamos que tal ensino priorize o uso e a funcionalidade dos elementos linguísticos, livrando-se, desse modo, de paradigmas normativos, que isolam a língua do seu contexto usual. Somente assim, as competências e as habilidades a serem desenvolvidas nessa disciplina, propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, poderão ser alcançadas, já que *a língua deve estar situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está mergulhado. Não a língua divorciada do contexto social vivido* (BRASIL, 1999, p. 138).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. Bíblia. Português. *Bíblia Sagrada*. Cor. e rev. trad. II. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1993.

_____. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Revista e corrigida. Estados Unidos: Casa Publicadora das Assembleias de Deus(CPAD), 1995.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 96. (coleção Letras)

—
AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª. ed. São Paulo: Publifolha, 2008. p. 19-196.

BASÍLIO, Margarida. Principais Processos de Mudanças de Classe: formação de advérbios. In: __ *Formação de Classe de Palavras no Português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BECHARA, Evanildo. Gramática Descritiva e Normativa. In: __ *Moderna Gramática Portuguesa*. 38 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 287-296.

BONFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC, SEMTEC, 1999.

CAZELATO, Sandra Elisabete de Oliveira. *A Interpretação de Provérbios Parodiados por Afásicos e não Afásicos: A cristalização dos provérbios e sua vigência nas práticas de gêneros textuais ou práticas comunicativas*. Campinas-SP,2008.104p.Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Linguística,UNICAMP, Campinas- SP, 2008. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br>. Acesso em 29 de abril de 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Advérbio. In: __ *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. Escolhendo o Percurso Metodológico. In: *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas: Alínea, 2001, p. 61-71.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo:Parábola Editorial, 2008, p.146-229.

NEVES, Maria Helena de Moura. O Advérbio. In: __ *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000, p. 231-256.

RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho. *Nas trilhas do sentido: as estruturas nominais em – mente numa perspectiva semântico-discursiva*. João Pessoa: Ideia, 2006, p.63-88.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 39.ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2000,p. 173-177.

SILVA, Solange Nascimento da. *Os Advérbios e sua Descrição: noções e fronteiras para modo, tempo e lugar*. (S/D).

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. *Português: literatura, gramática, produção de texto*. São Paulo: Moderna, 2004.